

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 116 — Domingo, 28 de Agosto de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias - Preço 4800

AVENÇA

COMENTÁRIO A UMA CARTA

A MENTIRA VERGONHOSA DO TURISMO ALGARVIO

UM velho e querido amigo endereça-me uma carta de desabafo e protesto acerca do pretensioso turismo no Algarve. Dá-me conta da digressão que fez no nosso pequeno País, e diz-nos: «Escusado será dizer que só conseguimos arranjar alojamento na pensão de Sagres, e mesmo assim em camas pequenas, e é mesmo a propósito da falta de alojamentos que se nota nesta província que eu te escrevo».

E o meu querido correspondente, que devia ter escrito em papel de luto para corresponder à negrura de tudo isso, conta-me a miséria hoteleira do Algarve. Não há hotéis, não há pensões, não há quartos disponíveis. E acrescenta: «Ao almoço, era «à bicha» e a um rapaz ainda novo que passou à minha beira, conversando com um amigo, ouvi eu dizer que o Algarve era lindo». Nós podemos acrescentar que recebemos, há dias, de Monte Gordo, um postal de duas senhoras irmãs que aí se encontram e que não conheciam a nossa praia, a tecer os mais calorosos louvores ao Algarve e a Monte Gordo. Coisa única no mundo! E agora refere o meu amigo que, estando a jantar na pousada de S. Brás, encontrou uma família francesa—casal e três filhas—que louvavam a beleza e o sol maravilhoso de Monte Gordo e uma das meninas exibía, radiante, os braços tostados à senhora da Pousada.

A dita família tinha mandado reservar alojamentos em certo ho-

GRANDIOSO FESTIVAL DESPORTIVO E RECREATIVO NA LUZ DE TAVIRA

Promovida pela Casa do Povo da Luz de Tavira, realiza-se, no próximo dia 4 de Setembro, dia da Feira da Luz, um Festival Recreativo e Desportivo. Como principal atracção exhibe-se no ringue de desportos da Casa do Povo, a grande patinadora artística internacional Edite Cruz.

Em complemento do programa haverá um animado baile, abrihantado pelo conjunto M. Simões, que tanto êxito tem alcançado em todo o País, e exhibir-se-ão as artistas Julieta Fernandes e Maria Lídia Fernandes, natural da Luz e cançonetista amadora do Clube Rádio Moçamedes (Angola).

O recinto será vistosamente ornamentado e nele funcionará uma magnífica aparelhagem sonora.

CONTAS GERAIS DO ESTADO

OS SALDOS POSITIVOS CONSTITUEM JÁ UMA TRADIÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO PORTUGUESA

MAIS uma conta de gerência foi apresentada no Conselho de Ministros, a de 1954, acusando um saldo positivo de mais de 52.000 contos.

Podem surgir guerras calamitosas com os seus efeitos alastrantes ao Mundo inteiro, podem sobrevir crises gerais como a de 1930, que nem assim se interrompe a tradição dos saldos positivos que Salazar estabeleceu a partir de 1928-29. Podem também revezar-se os Ministros do erário público, que os resultados de boa gerência não se alteram. Ora isto é de salientar num período internacional tão rudemente perturbado por guerras ruinosas em extremo, por revoluções sangrentas e outros sucessos anormais cujos re-

tel—é desnecessário dizer qualmas alguém com sentimentos humanitários esclareceu-a e a família abalou para Lisboa.

E é isto o turismo algarvio! Uma vergonha!

Milhares de pessoas, atraídas pela fama das belezas das nossas praias, do nosso clima e da nossa paisagem, descem até nós supondo encontrar aqui aquilo que se encontra hoje até no interior de África. E ficam desiludidas!

O Algarve não pode oferecer as mínimas comodidades a quem o visita—essa avalanche de pas-seantes de todo o mundo que já descobriu Portugal e que neste momento enche as ruas de Lisboa e alastra por todo o País.

Infelizmente, o algarvio não tem

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

O desenvolvimento da pesca do atum

Está a desenvolver-se uma actividade piscatória de atum na África Ocidental Francesa. Um «tuna cliper», hasteado no pavilhão das Honduras tem realizado experiências frutuosas de pesca de atum com isca viva, ao largo do Senegal. Barcos franceses estão também a fazer ensaios no mar de Dacar. O frigorífico desta cidade regularizará futuramente as expedições de atum para as fábricas da metrópole e para as que venham a instalar-se no Senegal.

Alfarroba, amêndoas e figos De alfarroba triturada saíram no primeiro trimestre 3.519 toneladas, no valor de 4 561 contos, tendo sido o Reino Unido o principal comprador. De grai-

EXAMES ORAIS

Pelo Dr. VIRGÍLIO PASSOS

COMO os exames estão bem longe de sair dos nossos hábitos escolares, parece-nos vantajoso apontar defeitos que consideramos capitais.

Nas deficiências dos nossos exames é erro considerar como causa do malogro de tais provas um único factor. Há a considerar as faculdades de inteligência ou trabalho dos alunos, as qualidades pedagógicas dos professores e a sua influência psicológica no examinando.

A principal causa do maior número de reprováveis, no 2.º ciclo liceal, é a vastidão da matéria desse

ciclo. Um examinando do 5.º ano é obrigado a prestar provas de um vasto programa de três anos, com a precisão com que responderia a uma lição explicada e estudada na véspera.

Se os alunos de um curso superior fossem submetidos a um exame de licenciatura que abrangesse todas as cadeiras do curso, descendo a particularidades fora do interesse geral, como tantas vezes sucede nos exames orais, seriam raríssimos os candidatos que conseguiriam vencer essa barreira. A matéria dos anos de licenciatura, tratada com o desenvolvimento de um curso superior e apreciada num curto exame, daria uma prova de temer, mesmo para os «ursos do curso».

O ensino médio, principalmente nos estabelecimentos do Estado, peca do efeito das grandes turmas, que tornam o ensino deficiente e pouco rendoso, fa-

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

Vacina contra a Tuberculose

No Dispensário da A.N.T., de Vila Real de Santo António, haverá vacinação contra a Tuberculose—B. C. G., às 4.ªs feiras e sábados, às 8,30 horas.

O ROMÂNICO, ANTECESSOR DO GÓTICO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

PROMETI voltar a estas colunas para pormenorizar o gótico e, embora com um certo atraso, não falto à promessa. Cá estou, pois. Simplesmente, para que este possa ser proveitoso aos menos entendidos, urge se faça uma recapitulação do românico, descendo a umas quantas miudezas tão escritas e transcritas que nem têm cotação, como motivo de cultura, em certos meios intelectuais ou que como tal se julgam. Eu, porém, não me importo das críticas surdas que me possam fazer.

Essas vozes, a confiarmos na sabedoria dos anexins, jamais chegarão ao céu e... é pouco provável se abalancem até aos jornais, transformadas em prosa escorreita. Nos jornais queria eu apinhá-las para lhes espremer todo o sumo reaccionário do passado e do presente para... fazer uma saborosa limonada. Mas mesmo que não estivesse com securas, sempre seria uma ocasião ótima para, dando uma voltinha aos assuntos, recapitularmos velhas questões, à mistura com umas quantas perguntas indiscretas e cheias de interesse, sob o aspecto de nos poderem revelar alguns pontos de vista. Nós todos (eu e os leitores) andamos curiosos de saber de que maneira se harmonizam certas atitudes e determinados princípios; de que maneira uma ideia antiga se contém na crisálida dum movimento progressista. Mas ainda havemos de sabê-lo um dia, tirando todas as conclusões lícitas dos elementos que formos topan-do a jeito...

Ora, uma vez que as censuras são surdas, vamos portanto tratar do estilo românico, que na qualidade de antecessor do gótico, é imprescindível para uma melhor compreensão deste.

O estilo românico, tal como o seu nome indica, inspirou-se em certas formas antigas, principalmente romanas, podendo considerar-se como uma primeira renascença que, rigorosamente, teve o seu início em França no

tempo de Carlos Magno. Daí a razão por que certos autores nos falam numa «renascença carolíngia», atribuída ao século IX e representada por dois monumentos característicos: A catedral de Aix-la-Chapelle (terminada em 814) e a igreja de Germigny-les-

Prés (terminada em 818). O românico propriamente dito iniciou-se por alturas do século X e penetrou na nossa Península através da Catalunha, em princípios do século seguinte, conforme o parece comprovar a igreja de

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

ESCUTISMO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

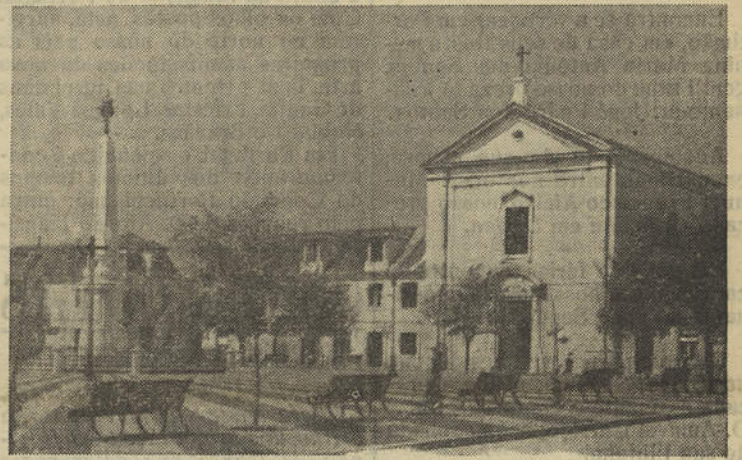
REVESTIRAM-SE de excepcional animação e brilhantismo as festas do 30.º Aniversário do Grupo n.º 60 dos Escuteiros de Portugal, levadas a efeito em 14 e 15 do corrente. Para tal contribuiu bastante a avultada apresentação de Escuteiros da capital e do resto do Algarve, que, com o colorido dos seus uniformes, o entusiasmo da sua juventude e o garbo que os caracteriza, deixaram impressão indelével em quantos com eles conviveram.

Os Escuteiros de Lisboa che-

garam pelas 19,30 horas do dia 15, em 5 carruagens especiais, ao Apeadeiro do Guadiana, onde eram esperados pelo Grupo local. Trocados cumprimentos e saudações, organizou-se um desfile até ao recinto do V Acampamento Regional do Algarve, próximo ao Farol Semafórico, tendo os lisboetas acampado a curta distância.

Cerca das 15,30 horas do dia seguinte, ao som alegre de clarins e tambores, bandeiras desfaldadas à frente, marcharam todos

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação

EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

PADROEIRA DESTA VILA

celebram-se cerimónias religiosas de 1 a 4 de Setembro

INICIAM-SE no próximo dia 1 de Setembro as solenidades religiosas em honra da Padroeira desta vila, Nossa Senhora da Encarnação, que se prolongarão até domingo, dia 4.

Segundo o programa, que já se encontra elaborado, as cerimónias para os dias 1, 2 e 3 constam de serviço de confissões, às 16,30 horas, e tríduo solene preparatório, com sermão, exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, as 21,30 horas.

No domingo, dia 4, haverá, às 9 horas, missa, comunhão geral e prática adequada; às 12 horas, missa

solene e sermão; às 18,30 horas, procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Encarnação, na qual se incorporarão todas as associações religiosas da paróquia, com insignias e estandartes. Concerto musical pela Banda de Tavira e vistosos fogos de artifício, às 22 horas. Toda a pregação está confiada ao reverendíssimo cônego dr. Francisco Maria da Silva.

Contas Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Conversa a um

Está certo. Mas, coração meu amigo, não penses nunca que estivesse tão mal. Ora lento, ora apressado, as palpitações, as paragens bruscas, para logo a seguir, de uma guinada, recommear a marcha.

O doutor—ouviste ontem?—disse que era da praia. Disse—deixa ver se me lembro...—disse que fora uma transição muito brusca. No meu estado, passar da cidade para uma praia atlântica que foi rematada loucura. Que eu não tenho saúde para estas mudanças, enfim, tu sabes.

Os doutores! Sabem muito, não é? Sabem mesmo. Em se tratando de aplicar o estetoscópio, então! Porém, este enganou-se. Não foi do todo. Não foi da praia. Não foi nada da beira atlântica. Foi do bairro velho dos pescadores. Das casas meio derrubadas. Do quarto com nove pessoas. Da menina—a Rosalina—a arfar de bronquite num catre cercado de solidão e desprezo. Da velha toda de preto—toda, até à alma—a lavar, sem sabão, a fralda de um netinho.

Eu sei que foi. Abandonou a praia mas não tenho pena. Não vais enfraquecido, coração. Antes pelo contrário; vais mais forte. Mais ciente de que é preciso continuar a marcha, não sobre terras aéreas e moveidas, mas sobre o chão real que o sofrimento humano longamente, profundamente, aduba.

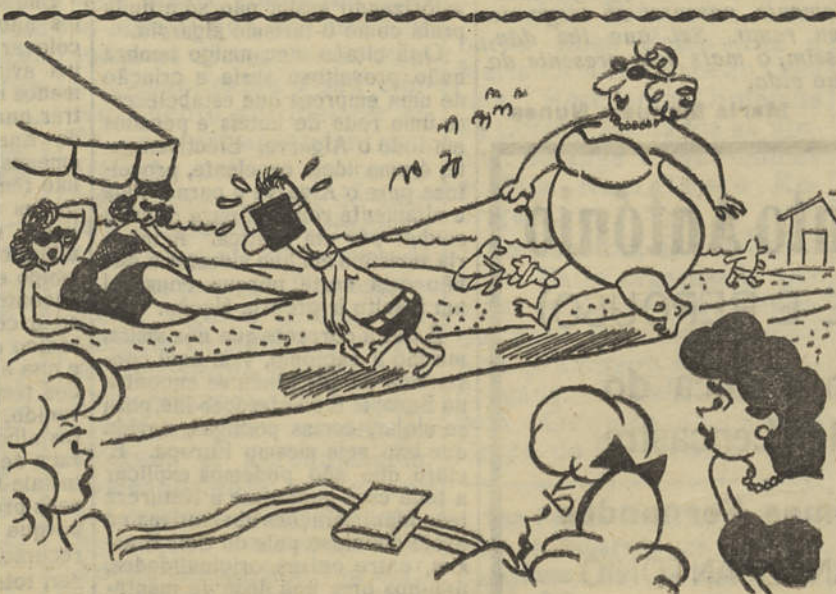
Instântaneo

Ouve aqui, minha amiga; não intimides a tua filha com esses monstros, essas «cucas», essa casa das ratas e não sei que mais. É um crime repugnante. A pedagogia do medo está desactualizada. E aquele que persistir em usá-la lembra o lenhador que derruba uma árvore e se coloca no lugar certo para ser esmagado por ela.

Tentativa de retrato

É uma senhora, companheira de hotel. Doente. Não sei de que, mas, ao que ouvi, padece de várias maleitas. Bem, não é o género de se ter muitas doenças para dizer com este ou aquele

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



—Ela só deixa o marido vir à praia assim...

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se a veranejar na praia de Monte Gordo...

Encontra-se a veranejar em Portimão, em casa de seus tios, a menina Maria Antónia dos Santos...

Acompanhado de sua esposa, encontra-se entre nós o sr. Manuel Francisco Aleixo, nosso prezado assinante em Lisboa.

Em gozo de férias, encontra-se em Sevilha o nosso prezado assinante sr. José Sequeira.

Retirou para a sua residência, no Entroncamento, a nossa prezada assinante e conterrânea sr.ª D. Amável Carriço, acompanhada de sua filha.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Teresa de Jesus Alexandre, de visita à nossa prezada assinante sr.ª D. Maria da Encarnação Lopes.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e colaborador sr. capitão António Gonçalves.

Acompanhado de sua mãe, cunhada e sobrinhos, partiu para a sua quinta de Alcantarilha, onde passará algum tempo...

No passado dia 4 do corrente, fez em Faro o exame de admissão aos liceus o menino João Manuel Alexandre Alves, natural de Portimão...

Casamento

Realizou-se, no passado dia 21 do corrente, na Igreja Paroquial de Ferragudo, o enlace matrimonial da sr.ª D. Antónia da Encarnação Ferreira...

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua irmã, sr.ª D. Maria Caetano de Brito e seu cunhado sr. Manuel Pereira...

Foi celebrante o rev. padre Crisanto Baena Rivas. Finda a cerimónia, foi servido aos numerosos convidados, em casa da irmã da noiva, um finíssimo lanche.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

O ROMÂNICO ANTECESSOR DO GÓTICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Santa Maria de Ripoll, que é do ano de 1051. Da Catalunha espanhola, encontra-se a veranejar na praia de Monte Gordo...

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Teresa de Jesus Alexandre, de visita à nossa prezada assinante sr.ª D. Maria da Encarnação Lopes.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e colaborador sr. capitão António Gonçalves.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

le vestido. Vê-se que sofre. Sempre triste. E no entanto, o brilho dos seus olhos! O fiozinho de ironia que deles corre como um retrós vermelho...

Ajudar a definir

Há quem diga que a paz é uma palavra maravilhosa. Dizem outros: é uma doce palavra. E outros ainda: é sagrada. Assim mesmo, a definição está incompleta.

Para ti, especialmente se és artista

Da janela do meu quarto, vejo uma casinha branca entre pinhais. Uma casinha gorda, um galo bem tratado dormindo, calmamente, ao sol de estio.

Um caso

Eu não gosto de falar de pessoas. Não tenho o direito. Especialmente quando o falar de uma pessoa não assume um significado particular, por exemplo, que represente uma tendência ou uma classe.

Mas deixem que lhes fale da sr.ª D. F..., agora por excepção. E' que todo o dia tenho pensado nisto, e parece-me que encontrei a solução. A D. F... é viúva, passante dos cinquenta. Rica. E que bem se veste!

Maria Manuela Nunes

ques, ainda sem qualquer influência a estragar-lhe a pureza; e atinge o século XII, pelo menos até ao momento da construção da Sé Velha de Coimbra.

Para que o leitor possa compreender a concepção dum românico genuíno já um tanto desenvolvido, ilustra-se este artigo com a perspectiva da igreja de Saint Etienne de Nevers, parcialmente cortada no intuito de tornar visível o interior.

Como se vê, a nave central é enormemente mais elevada que as naves laterais. Em ambas, as paredes são continuas, robustas e reforçadas por contrafortes, chamados botarés.

No caso do nosso desenho, verificamos 3 géneros de cobertura: A abóbada de berço na nave central; o meio-berço nas naves laterais; a cúpula, no cruzamento do transepto com a nave central.

Na porta principal do templo, temos uma série de arcos de volta inteira e, duma maneira genérica, são estes que predominam em todos os monumentos deste estilo.

Estamos agora em condições de perceber que as abóbadas de berço, em virtude da sua forma de meia cana, exigem que as paredes sejam continuas para se apoiarem, distribuindo as cargas de maneira uniforme.

Se assentarmos neste pormenor fundamental, imediatamente concluímos que a cruzeta de ogiva, só por si, pouco nos pode dizer, mormente quando o monumento apresenta superabundância de paredes e frestas, muitas frestas...

J. Silva Carvalho

COMENTÁRIO A UMA CARTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a menor noção do que é o turismo. Salvo raríssimas excepções, ainda não se deu conta que um bom hotel ou uma boa pensão rendem hoje muito mais que os carapaus e as sardinhas enlatadas.

Na excepção que abrimos queremos englobar muito justamente o sr. Vinhas Cabrita, que vai mandar construir um hotel em Albufeira, valorizando assim não só a linda praia como o turismo algarvio.

O já citado meu amigo lembra que o proveitoso seria a criação de uma empresa que estabelecesse uma rede de hotéis e pensões em todo o Algarve.

É que a corrente que nos visita, mesmo a nacional, vem aqui convencida de que ainda se encontra na Europa. É ao oferecer-lhe, para se alojar, certas pocilgas, dúvida que isto seja mesmo Europa.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

contos. Os maiores importadores foram o Reino Unido, França e Suíça. De amêndoa em casca, saíram apenas 12 toneladas, no valor de 118 contos.

A cultura da mimosa

E' desoladora a nudez das nossas serras! E é desolador também que nada se faça, quer da parte dos particulares, quer da parte do Estado.

Nós não percebemos nada de agricultura, mas temos a impressão de que alguma coisa se poderia fazer com o objectivo de se recuperarem milhares de hectares improdutivo.

A abóbada de berço na nave central; o meio-berço nas naves laterais; a cúpula, no cruzamento do transepto com a nave central. Observa-se que a cúpula é de inspiração bizantina, e, no românico, é vulgarmente substituída pela abóbada de aresta que, muitas vezes, apresenta nervuras, dando uma falsa aparência do estilo gótico.

Na porta principal do templo, temos uma série de arcos de volta inteira e, duma maneira genérica, são estes que predominam em todos os monumentos deste estilo, devendo contudo notar-se que nos românicos da Borgonha e da Renânia os arcos são quebrados, em forma de ogiva.

Em 1952, as exportações de extractos de mimosa atingiram cerca de 94.000 toneladas.

Em 1952, as exportações de extractos de mimosa atingiram cerca de 94.000 toneladas. Além disso, foram fornecidas às fábricas de curtumes locais cerca de 8.000 toneladas.

COMENTÁRIO A UMA CARTA

compreenderem a época que vivemos, infrutuosos no seu primitivismo e no seu egoísmo, nefastos, afinal, ao bom nome e ao prestígio da própria Nação.

Enquanto as condições ambientais não mudarem, seria honesto colocar nas entradas do Algarve um aviso que dissesse mais ou menos o seguinte: «Acabas de entrar numa das mais lindas regiões da Europa.»

das de casca. Aos preços correntes, a totalidade da casca e dos extractos de mimosa produzidos pela União da África do Sul ultrapassa os 7,5 milhões de libras por ano.

Além da casca, a madeira da mimosa tem hoje boa procura, para escoras de minas e para as indústrias da polpa e da madeira prensada.

Não haverá, entre os lavradores algarvios, algum com iniciativa para ensaiar a exploração deste ramo agrícola, que pode constituir uma riqueza para a província? — J. B.

FOI PIOR A EMENDA...

MEUS ESTIMADOS AMIGOS

CONHECEM, com certeza, aquele lendário desabafo — «Foi pior a emenda que o soneto».

Ora deu-se precisamente o contrário, no n.º 115 do «Notícias do Algarve», esse caso vulgar. Talvez conservem ainda o meu original, podendo verificar que eu escrevi quarenta anos no último encontro com o meu ilustre conterrâneo João Lúcio, em Alamoente, dizendo que ele faleceu três anos depois.

Estou convencido de que os Amigos, mal leiam as primeiras linhas desta carta, dirão logo com os seus botões: — «É uma caturrice deste nosso colaborador!»

Não é, acreditem. Desde que escrevi uns artigos no vosso jornal, apareceram pessoas respeitáveis a tentar contradizer o que eu escrevi. Agora, por este pequeno erro de memória, podia também aparecer qualquer patarata a insinuar más intenções da minha parte.

Podia comunicar directamente com o poeta João Lúcio, visto andarmos à roda da era atómica, do espiritismo e dos discos voadores...

Nesta cidade onde vivo, felizmente, temos todos os recursos modernos à mão, desde a estética urbana até às ruas sem luz. As ruas estão sendo revolvidas, com amplas sepulturas à vista, mas nas noites sem luar há trambolhão de cair por terra.

Não se trata do mestre Guyau nem do Moniz Barreto, um indiano notável que aqui passou um longínquo inverno, em casa do dr. Pedro Gaivão, que foi um magistrado de relevo nesta comarca sem relevo.

Guyau, em um dos seus valiosos estudos, observa: A sugestão fisiológica e nevrópica não passa da exageração de factos que se passam no estado normal.

Não pretendo, como os meus Amigos compreendem, exagerar os factos, mas simplesmente esclarecer uma inexactidão.

Ser sensível não é o mesmo que ser pensativo; são manifestações íntimas que os leigos desconhecem. É um bem moral para eles e para nós.

Portimão, 22-8-955

ARMAZÉM Arrenda-se, próprio para salga, com água canalizada, esgotos e retrete. Rua da Princesa, próximo da Lota.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Agosto:

Table with columns for ship names (Levante, Maria Rosa, Leste, etc.) and amounts.

CERCO Amazona 16.040\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Agosto:

Entrados: TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga diversa.

Saídos: TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada, com sal.

HORÁRIO DE CAMIONETAS Vila Real-Monte Gordo:

Partidas de Vila Real — A's 8,20, 9-10-12,15-13,15-17,15-18,15 19,15-21,30-22,30 e 1 hora da manhã.

Partidas de Monte Gordo — A's 8,35-9,15-10,30-12,45-13,45-17,45-18,45-20,30-22-0 horas e 2,15 da manhã.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 27 de Agosto a 2 de Setembro, a Farmácia CARILHO, Praça Marques de Pombal - Telefone 49.

UMA GRANDE FIGURA DE ARTISTA ALGARVIO QUE DESAPARECE

Actor NASCIMENTO FERNANDES

No passado dia 15, finou-se em Lisboa, na idade de 73 anos e ao cabo de prolongada enfermidade, uma das maiores figuras da cena portuguesa, glória de nosso tablado e honra do Algarve, cuja capital lhe foi berço.

O decurso de toda a sua vida, quer particular quer artística, foi bem a expressão duma fina sensibilidade que a nossa província gerou e que as contingências do nosso meio teatral elevaram aos pináculos da fama, pelas suas geniais interpretações, para seguidamente lhe proporcionarem as dificuldades que os grandes actores do nosso tempo estão a suportar, nesta desoladora maré-baixa da arte de Talma em Portugal.

Como jornal algarvio, «Notícias do Algarve» não podia ficar indiferente à desaparição dum artista dramático da envergadura de Nascimento Fernandes, a qual enluta a cena nacional e todo o Algarve, que muito se honra de o ter por um dos seus mais gloriosos filhos.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

FOTO-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRVURA E DESENHO

EXAMES ORAIS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

clitando a inata tendência dos alunos para a fraude.

O elevado número de estudantes em cada turma leva o professor a um trabalho extenuante, não só no ensino liceal como no técnico, permitindo raras chamadas durante o período escolar.

Nessas chamadas de escassos minutos, fica o examinador com uma ideia pouco exacta do aluno. De resto, são conhecidos de todos os professores os processos de que os cábula se servem para só prepararem as lições nos dias em que esperam ser chamados.

Tratando-se dos exercícios escritos, numa turma onde todos se conhecem, a fraude toma ainda maiores proporções.

A falta de interesse dos estudantes pela aprendizagem dos programas é lamentável, pois uma coisa é saber, e a outra é passar o ano.

Esta deficiência, no nosso ensino, desde o médio ao superior, desenvolve nos alunos qualidades de carácter pouco recomendáveis.

Aos estudantes que têm apenas em vista a passagem final, falta o verdadeiro interesse pelo estudo.

Segundo o erudito pedagogo alemão Paulsen: «O gosto e o entusiasmo são muitas vezes detidos e mesmo impedidos totalmente, pelo trabalho forçado. E todavia, só isso importa para a verdadeira formação».

O horror pelos exames é uma consequência do ambiente de julgamento que alguns professores dão a um acto que deveria ter apenas por fim investigar dos conhecimentos dos alunos.

Binet, o grande mestre da pedagogia moderna, comenta os exames orais dum forma bem edificante: «Se seguirmos atentamente alguns exames de Direito ou de Medicina, ficaremos surpreendidos com a diferença que existe entre as exigências dos professores que fazem parte dum júri idêntico. Alguns são muito indulgentes. Talvez por bondade, talvez por indiferença ou ceticismo, e parece que não têm outra ideia que não seja salvar o infeliz candidato, que se afoga; só o rejeitam quan-

do a isso são constringidos ou forçados. Há outros que parecem ter por objectivo «chumbar» o candidato; o exame é uma verdadeira luta, e só param quando o adversário tiver sido derrubado. Outros, ainda, têm sobre determinado assunto uma opinião pessoal, e querem que o candidato encontre essa ideia ou até a palavra que eles têm em mente, um milagre de telepatia. De tudo isso resulta que as perguntas feitas no mesmo exame são de dificuldade tão diferente que o êxito dum candidato se assemelha a uma lotaria. Recordo-me de ter seguido, com grande interesse, vários exames de anatomia. Certos examinadores votavam a admissão de alunos que estavam realmente abaixo da mediocridade; outros rejeitavam, sem piedade, alunos muito mais instruídos. O carácter do examinador, a sua disposição de momento, a presença dum colega competente que escuta e o julga, todas essas pequenas causas podem modificar absolutamente a maneira de interrogar e de classificar».

Felizmente, há muitos professores que, na prova oral, procuram conduzir o interrogatório de modo a pôr o aluno à vontade, mudando de assunto ou auxiliando a resposta se o examinando se mostra vacilante. São esses os verdadeiros pedagogos, pois os exames devem ter por fim investigar o que o aluno sabe e não o que ele desconhece.

Vergílio Passos

PORTO RAINHA SANTA
ATÉ OS ANJOS BEBEM!...
RODRIGUES PINHO & C.
Vila Nova de Gaia

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

EM PROL DE UMA CAMPANHA ÚTIL

CONTINUAM A REUNIR-SE NOVAS IMPORTÂNCIAS PARA AUXILIAR A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL-SEDE PARA OS NOSSOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

SE existem obras de solidariedade humana que mereçam, indiscutivelmente, a simpatia e o auxílio de todos, as Associações de Bombeiros Voluntários estão, sem dúvida, no primeiro plano dessa consideração. Na ordem desse carinho é que sempre que se faça um apelo no sentido de se ajudar os Bombeiros, quer dizer, a organização dos Bombeiros, nunca a população de qualquer localidade deixa de corresponder a esse pedido. E é justo, justificadamente justíssimo, porque os serviços desses «heróis da solidariedade» são prestados, indistintamente, por todos e para todos.

Assim é, por isso, que o pedido que se vem fazendo para que seja auxiliada a dispendiosa construção de uma sede condigna para os bombeiros vilarrealenses não deixa de encontrar nos seus amigos a merecida aceitação.

A respectiva comissão central angariadora de fundos para esse fim vão chegando sempre novos donativos, o que significa o aumento das possibilidades e a prova da admiração que todos sentimos pela sua benemérita acção.

Dá-e, a seguir, nota das importâncias recebidas:

| | |
|---|-------------------|
| Transporte. | 13.374\$50 |
| Oferta de um cooperador de «Notícias do Algarve», residente em Lisboa | 11\$60 |
| Anónimo - donativo entregue ao sr. comandante Luís Cardoso Figueiredo | 20\$00 |
| Zé Luiz | 1\$00 |
| Donativo do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixaeiros de Vila Real de Santo António | 20\$00 |
| Anónimo. | \$50 |
| Soma | 13.427\$60 |

A todos, se apresentam os melhores agradecimentos.

A FESTA DA "OLIVA" EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO DECORREU ANIMADÍSSIMA

NO passado dia 24 de Julho, foi levada a efeito no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários, desta vila, a festa de encerramento dos Cursos de Corte e Bordados, organizados pela «Oliva», que vinham funcionando no Stand «Oliva» na rua Teófilo Braga n.º 57, desta vila. Muito antes da hora marcada para o início da sessão solene, já se encontravam literalmente cheias as cadeiras destinadas às alunas da «Oliva» e aos convidados para a festa e, pelas 21,30, horas do início da festa, o recinto encontrava-se completamente cheio.

O palco, onde foi instalada a mesa para a presidência da sessão, encontrava-se magnificamente engalanado.

Na presidência, via-se a sr.ª N. Ilda Leocádia Costa do Rosário, esposa do sr. Luís Cabrita do Rosário, que se sentou à sua esquerda. Do mesmo lado, a seguir, sentaram-se os srs. Alfredo de Campos Faisca e Américo M. de Sousa Branco. Do lado direito, tomaram lugar, pela ordem seguida, a sr.ª D. Norma Vaz Pires, digníssima Auxiliar Social do Instituto de Assistência à Família nesta vila; depois, a sr.ª D. Emília Adelaide Pereira de Campos e a aluna menina Maria Umbelina Horta Marçal.

Pelas 22 horas, deu-se início à Sessão Solene, tendo falado, em primeiro lugar, o sr. Luís Cabrita do Rosário, sócio-gerente da Agência Comercial de Faro, Lda., concessionários da «Oliva» no Algarve, que em breves palavras enalteceu a obra que vem sendo rea-

lizada pelo seu Agente Oficial nesta vila, sr. Alfredo de Campos Faisca, ao qual se deve principalmente o ascendente que a máquina «Oliva» vai adquirindo sobre as suas congéneres estrangeiras, na área de actualização que lhe está distribuída. Cumprimentou as alunas, a quem desejou as maiores venturas, e agradeceu a presença de todos, o que prova bem a simpatia de que a «Oliva» já goza nesta vila. Finalmente, manifestou a esperança de que a «Oliva» continue a senda de vitórias a que sua óptima qualidade, a sua apresentação, o seu baixo preço e outros predicados, nos habituarão.

Falou, seguidamente, o sr. Alfredo de Campos Faisca, Agente Oficial da «Oliva», nesta vila, que num paralelismo entre as máquinas de costura «Oliva» e outras indústrias nacionais, focou a necessidade de expansão, para um maior incremento do nível industrial português.

Falando da criação dos Cursos «Oliva», disse ser um auxílio da Fábrica para o aperfeiçoamento da mulher portuguesa; dando-lhe conhecimentos a que poderá recorrer quando necessário for. Terminou o seu discurso com o período que transcrevemos: A «Oliva» é uma faceta do desenvolvimento nacional, é a prova das múltiplas faculdades do operário português, dar-lhe todo o nosso apoio é estimulá-lo a um maior aperfeiçoamento.

Falou, depois, a aluna menina Maria Umbelina Horta Marçal que, em nome de todas as alunas, suas colegas, manifestou a seu contentamento por lhes ter sido possível aprender uma arte tão útil e tão portuguesa como é a arte de Corte e Bordados. Agradeceu à «Oliva», ali representada nas pessoas do Concessionário, Agente Oficial, Assistente Comercial e outros colaboradores, o terem-lhes proporcionado tudo o que careciam para poderem efectuar a aprendizagem, nomeadamente, máquinas de costura e professora. Agradeceu à mestra, sr.ª D. Adélia Rocha, a forma carinhosa e profícua, como sou-

Falecimento

Manuel Vicente

Em Vila Nova de Cacela, donde era natural, faleceu, no passado dia 21, o sr. Manuel Vicente, de 70 anos de idade.

O extinto era casado com a sr.ª D. Rita Jerónimo, e pai das sr.ªs D. Elisa Vicente, D. Rita Claudina Vicente, do sr. José Vicente e do nosso prezado assinante sr. António Vicente.

A família enlutada, a «Notícias do Algarve» envia sentidos pésames.

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

GRAFONOLA

Aluga-se ou compra-se.

Nesta redacção se informa.

ESCURISMO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

rumo ao Glória Futebol Clube, em cujo salão ia ter lugar a Sessão Solene comemorativa do 30.º Aniversário do Grupo n.º 60. Às 16 horas, registou-se a chegada do sr. Matias B. Gomes Sanches, ilustre vice-presidente da Câmara Municipal, que presidiu à Mesa da sessão, ladeado pelos srs. Luís Tovar de Lemos, chefe geral adjunto dos Escuteiros de Portugal, Luís Cardoso de Figueiredo, comandante dos Bombeiros Voluntários, Narciso Fernandes, representante do sr. subdelegado regional da Mocidade Portuguesa, Manuel Cipriano, representando a Direcção do Glória F.C., chefes Amâncio Salgueiro, introdutor do Escutismo no Algarve, Capitoline Ferreira de Macedo, representando o nosso prezado colega «Sempre Pronto», e Armando Lino, que dirigia o contingente de Lisboa.

Aberta a sessão pelo sr. presidente da Mesa, usou da palavra o chefe do Grupo n.º 60, que se referiu ao aniversário do seu Grupo e às diversas fases de maior ou menor actividade por este atravessadas, agradeceu aos presentes, de longe e de perto, o esforço dispendido para que naquele momento ali pudessem confraternizar e saudou o sr. comandante Henrique dos Santos Tenreiro, que, tornando possível a deslocação ao Algarve dos rapazes de Lisboa, tanto contribuiu para o completo êxito da bela jornada escutista que decorria.

Procedeu-se, a seguir, à entrega de prémios e distintivos a Patrulhas e Escuteiros do Grupo 60, e após a colocação, na Bandeira deste, da Medalha do 40.º Aniversário dos Escuteiros de Portugal e de uma fita alegórica, oferta do Grupo n.º 6, usou da palavra o chefe geral, sr. Tovar de Lemos, que agradeceu ao sr. vice-presidente da Câmara todas as facilidades e atenções pelo Município concedidas ao Grupo local, salientando, com elevação, o papel do Escutismo na educação da juventude e o facto de haverem passado pelas fileiras escutistas individualidades que desempenharam e desempenham lugares de relevo no Governo da Nação.

Encerrada a Sessão Solene, teve início a Sessão Recreativa, com a exibição, pelos Escuteiros do 60, da peça escutista em 2 actos «No Rumo da Lei», original de Eduardo Ribeiro, que mereceu francos aplausos da numerosa assistência, pela naturalidade com que foi representada. Escuteiros e vários Grupos apresentaram-se depois, com geral agrado, em diálogos, monólogos, duetos, baia-dos, declamação, etc.

Finda, às 19 horas, a Sessão Recreativa, dirigiram-se todos os Grupos formados, num total aproximado de 250 Escuteiros, para a sede do Grupo n.º 60, que visitaram e onde apreciaram a exposição de trabalhos manuais dos Escuteiros daquele Grupo, tendo mais tarde regressado ao Acampamento. Neste, às 22 horas, realizou-se o anunciado Fogo de Conselho, aberto e encerrado com todo o ritual pelo chefe sr. Amâncio Salgueiro e dirigido pelo chefe sr. Clímaco do Nascimento, em que os Grupos se fizeram ouvir em canções e outros números.

Na tarde do dia 15, efectuou-se a anunciada Festa de Campo, a que também se dignou assistir o sr. vice-presidente da Câmara. Os Grupos tiveram ensejo de apresentar-se em canções, jogos e demonstrações desportivas, presenciadas por numeroso público, tendo a festa atingido o momento culminante quando o vogal da Direcção dos Escuteiros de Portugal, sr. Garcia de Almeida, que em representação do sr. comandante Henrique Tenreiro, de Lisboa, se deslocara especialmente para o efeito, fez entrega ao sr. vice-presidente da Câmara Municipal, da Medalha Lis de Agradecimento, classe prata. O sr. vice-presidente da Câmara agradeceu, num feliz improviso, a distinção concedida, que de forma alguma esperava, congratulando-se por ter sido escolhida a nossa terra, em atenção a encontrar-se em festa o Grupo local, para uma tão importante actividade escutista, e terminou por desejar ao Escutismo as maiores prosperidades.

Os visitantes iniciaram, pouco depois, os preparativos para o regresso aos seus lares, o qual teve lugar às 21,40 horas, no comboio correio, encantados pela beleza e hospitalidade da nossa vila e arredores, que haviam percorrido com interesse, e recordando as horas agradáveis passadas na praia de Monte Gordo e a boa ordem com que tudo aqui decorreu.

DICIONÁRIO DE LITERATURA

De Henrique Perdígão (2.ª edição). Compra-se. Resposta a este jornal, às letras M. M.

JOAQUIM COELHO
NEGOCIANTE DE SUCATAS
Com armazém na Rua da Feira, 20-OLHÃO
Residência Rua Jacinto José d'Andrade, 66 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONES 119-155
Tem para vender em bom estado: um trêm, dois fogões grandes a lenha, prensas, vigas de ferro, camas, dois jogos de embreagem novos e boa sucata de ferro forjado, uma bateria de 6 voltios boa. Também compra.
FACILITA-SE OS PAGAMENTOS

Veículos Automóveis

SCANIA VABIS — camião para cargas úteis 8.000 a 12.500 quilos
DE SOTO — camião para cargas úteis de 3.000 a 8.000 quilos
Forgonetas e Automóveis das marcas **DE SOTO, RENAULT e SIMCA**
Agentes no Sotavento do Algarve
Agência Comercial e Marítima do Sul
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SCOOTERS e MOTOS

HEINKEL — Bernardete — Douglas — Express
HERCULES — Sun — Star — ZI — Monet Goyon
MONDIAL-ROYAL ENFIELD-A. J. S.
- NORTON B. S. A. - MATCHLESS
- TRUMPH SUMBEAN e VOLOCET
Agência Comercial e Marítima do Sul
Vila Real de Santo António
TELEFONE 76

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

DISPEPSIA E FILOSOFIA

Dificilmente se pode professar uma filosofia optimista a respeito dos homens e das coisas, quando os alimentos nos dançam no estômago o sarambeque da azia e contra-químicas semelhantes. A paisagem — a voltada para os homens e a voltada para Deus — não é apenas um estado de alma, mas também um estado de digestão. Dispepsia e filosofia têm relações mais íntimas do que se supõe. Voltaire disse a coisa cruaente, em carta a não sei que marquesa: «Notre âme immortelle a besoin de la garde-robe pour bien penser».

Que optimismo poderia ser o de Antero — sabendo nós, através de Sousa Martins — como ele sofreu horrorosamente de uma dispepsia?

«Figure-se — diz o clínico famoso no In memoriam de Antero — figure-se, dentro do ventre, um saco amplissimo e inerte, suspenso da base do peito e caído, como flácido aental, até muito abaixo do umbigo. Quanto caia no saco, fica. Tão bambas as suas paredes, que a mais leve oscillação imprimida faz chocalhar os líquidos de mistura com os gases, como em vascojeado odre, mal cheio e com ar».

Tal o estômago do desventurado (Antero). Os alimentos eram aí introduzidos uma só vez nas vinte e quatro horas. Para serem digeridos? Não. Para serem, na melhor parte, apodrecidos — que as deficiências mecânicas, físicas e químicas da víscera não comportavam metamorfoses — peptonizações e outras — regulares. A passagem do errado quilo para o duodeno, nem essa se fazia em termos; não era gradual, era de facto. Nem de facto, a bem dizer; que a atonia não dava para isso. Era por queda.

Que tal? Como é que Antero não acabaria por dar um tiro na cabeça, para pôr termo àquele suplício? Como conciliar no mesmo corpo uma filosofia doce e uma digestão azeda?

FISIOLOGIA DO SONO

Gandhi comia pouco (o jejum foi o seu tema e a sua... teima) mas dormia, se não muito, o bastante. E, por isso mesmo, longamente viveu, e ainda estaria talvez vivo, se um tresloucado o não tivesse mandado para o outro mundo. E' que prova do está que mais mata os jejuns de sono do que os jejuns de alimento. Mais extenuam as vigílias do que as fomes.

DIREITO DE CONTRADIÇÃO

Baudelaire afirmava que um dos esquecidos direitos do homem era o de nos contradizermos. «Só o de nos contradizermos? Não. Também — acrescentava ele — «le droit de s'en aller».

Contradizemo-nos no mesmo dia — afirmando agora branco, e logo preto, agora quente e logo frio — é dar provas de que nos assenta maravilhosamente a psicologia do catavento.

Não nos fica, porém, mal (antes o imperativo da sinceridade o impõe) que mudemos de ideias, quando o aturado estudo e a larga experiência nos ensinam filosofia diferente da que outrora professámos.

A mudança de ideias só poderá levantar suspeitas quando sintonizada com os nossos interesses materiais. Mudar, quando da mudança apenas tiramos o prazer da coerência entre a letra e a caneta, não tem nada de censurável. Antes pelo contrário.

Felis aquele que, desde muito cedo, encontrou o seu norte definitivo!

«JE VOUS CONNAIS...»

E' próprio da mocidade não enfileirar na rotina, virar-se ao futuro, ao progresso, ao heterodoxo, à novidade. Na confraria de N. S.ª do Misonetismo só entram os velhos.

Quando vimos moços levantando uma tenda em cada estrada, não teremos que estranhar. Estão dentro da sua psicologia. E poderemos então dizer, com Diderot: Je vous connais, Messieurs, vous êtes la jeunesse.

Visado pela Comissão de Censura

VACAS LEITEIRAS

Vendem-se duas vacas leiteiras. Dirigir a José Agostinho — Torre dos Frades — Vila Nova de Cacela.

Noticias do Algarve

SEMAMARIO REGIONALISTA

LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA
Orientada por N. RODRIGUES PENA

CRÍTICA

“OLHOS DE ÁGUA”

Por ALVES REDOL

JÁ lá vão quinze anos que o autor deste livro publicou o seu primeiro romance: «Gaibéus». Lembramo-nos muito bem do entusiasmo que provocou nas camadas jovens, entusiasmos suscitado, evidentemente, mais pelos processos literários introduzidos na nossa literatura do que pelas virtudes ou primores da forma e estilo. Trabalhador incansável das letras, que se não deixa dominar pelas contrariedades do tempo tão pouco propício à actividade literária, Alves Redol vem, ano a ano, testemunhando uma persistência que não é muito habitual nos nossos escritores. Inclassificável se nos afigura desconhecer ou ignorar a obra de Redol; tão pouco achamos leal que se condene uma obra inteira, utilizando alguns defeitos notórios — processos condenáveis e ainda vulgares na crítica nacional. «Fanga», «Porto Manso» e os três romances do ciclo *PortWine* evidenciam um escritor possuidor de todas as qualidades capazes de criarem uma obra valiosa e perdurável. Não é muito frequente surgir no plano da literatura nacional um escritor tão bem documentado, tão rico em criar figuras e situações humanas e com um tão elevado sentido dramático dos conflitos, que não nos deixam dúvidas de que estamos em presença duma autêntica vocação de romancista. Sabemos bem que estas referências aplicadas a um escritor que trabalha nas letras há cerca de duas dezenas de anos arriscam-se a passar por ridículas. Não é oportuno, pois, falarmos de «mocidades esperanças» como os conselheiros Académicos, no caso de Alves Redol, que tem de há muito tempo feita a sua reputação de escritor. No entanto, nem sempre a obra do autor de «Avieiros» tem merecido a apreciação que lhe é devida, e quantas vezes nós verificamos que essas apreciações são comandadas por paixões completamente alheias a um honesto critério de crítica literária.

«Olhos de Água» não é um romance; é uma série de quadros, episódios ora soltos, ora ligados, tendo sempre por fundo a vida dum vila ribatejana. O autor dá-nos o pulsar febril dessa vila: os seus homens e mulheres, as paixões que se desencadeiam e estorram no chão duro e generoso da terra. Pequenas histórias e crónicas, onde passam, como heróis, campinos e abegões, gaibéus e carmelas. «Olhos de Água» é um admirável roteiro que nos convida a viajar através dessas terras, perscrutando os rostos dos homens, obrigando-nos a observar com os sentidos bem despertados a existência dessa gente, e tudo isso auxiliado por mão de mestre, por um bom conhecedor da vida e dos homens. E que admirável cicerone! E nós que, porventura, começamos por desdenhar da mesquinha dos quadros, da insignificância dos homens, bem depressa somos obrigados a penetrar nesse mundo de paixões, a descobrir nessa terra de sol, de gritos e sofrimento, uma humanidade que está mais perto do nosso coração do que nós pensávamos. E não sabemos, mesmo, se o maior defeito deste livro é a sua facilidade em empolgar o leitor, rendê-lo até à sujeição, levá-lo a aclamar essa gente sóbria, activa da Borda d'Água. E uma dúvida se nos apresenta: Não seria o autor traído pelo seu amor à sua gente, não cairia Redol na simples e fácil exaltação, esquecendo a realidade que, certamente, é mais pobre, mais mesquinha?

Estas páginas estão imbuídas duma compreensão e ternura em que não é difícil descobrir todo o amor que liga o autor ao seu povo. E' uma romaria de gente e de casos. Abegões, gaibéus, lavradores e campinos, seres arrastados para a vida, homens a quem basta uma única paixão, «posuir a terra», «amar uma mulher»; outros que trazem na luz dos olhos a inquietação dum destino sonhado. E' aquele homem que

perdoa todas as infidelidades do passado à companheira, mas que a castiga severamente e a abandona por uma aparente futilidade, «o arrancar-lhe os cravos», que constituíam para ele o «seu maior tesouro»; é o rapazito valente, que não desejando comprometer os seus brios, ousa subir na garupa da potra rebelde e arrisca-se a perder a vida; é a aventura dos que não se subordinam ao destino imposto pelos outros; é a história da gente doutra costa, gente finórria e videira com as suas intrigas nas tertúlias da vila, as ambições zinhas sórdidas e velhacas, as diatribes e elogios na «gazeta» da terra — enfim toda a vida da vilória posta ao soalheiro, mas contada numa forma viva, inteligente, com certo humor, onde não falta mesmo um oportuno sentido crítico.

Não queremos deixar de acentuar que o autor nos dá, por vezes, a impressão de cultivar um certo

populismo neste livro, o que se evidencia na intenção bem clara de heroizar o povo. E desse facto resultou uma preocupação em enaltecer certos hábitos ou características do povo, cair na exaltação pura de actos e acontecimentos que nem sempre definem da melhor forma a psicologia dum povo. E' certo que Redol também não deixa de zurzir defeitos e manias, mas o facto é que a tendência populista se traduz numa simpatia exagerada, e principalmente, por uma deformação das aspirações e dos problemas do povo.

Depois desta viagem através do livro de Alves Redol, só nos resta confessar a nossa rendição e manifestarmos o nosso aplauso. Porque este livro ficará, principalmente, como um testemunho de viril entusiasmo por um povo que, sabendo amar a vida, a procura viver num clima de paixões, respirando-a a longos haustos, numa revivência de saudável paganism.

A obra é ainda enriquecida por expressivas ilustrações, belos desenhos do pintor Lima de Freitas, inspiradas no conteúdo do livro.

(1.ª edição do «Centro Bibliográfico» — Lisboa)

ALBERT EINSTEIN

Por VICTORINO FONSECA

NÃO suponham os leitores que vão ler um relato mais ou menos minucioso da vida daquele que é hoje universalmente considerado como o maior sábio da nossa época. Os grandes diários se encarregaram, por ocasião da sua morte, de os fazer, e por isso seria fastidioso repeti-los. Tão pouco pretendemos relatar os seus trabalhos científicos, pois que tal estudo não se coaduna com as características de divulgação desta secção.

O fim destas linhas breves e despreziosas é mostrar uma das facetas deste sábio, que muita gente, erradamente, supõe ter vivido isolado na sua torre de marfim, indiferente às vicissitudes do mundo que o rodeava. Albert Einstein foi sempre um «pacifista activo» como ele próprio se intitulava, e lutou continuamente contra a guerra e todos os outros meios de violência.

Por ocasião duma sua visita aos Estados Unidos da América, convidado pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia e pelo Observatório Astronómico do Monte Wilson, onde a sua teoria dos campos deveria ser submetida a uma verificação experimental, envia, ainda do barco, como saudação, a seguinte mensagem ao povo dos Estados Unidos: «Na véspera do meu desembarque, um só pensamento, ou mais convenientemente, uma só esperança ocupa o meu espírito: que as forças que neste país se agitam sob a superfície possam manifestar-se com mais nitidez e com uma maior eficácia para que destruam toda a ideia da guerra no meio dos Homens».

Após a última guerra que assolou o mundo, escreve desiludido: «Ganhou-se a guerra mas não a paz. Prometeu-se ao mundo a libertação do medo, mas na verdade o medo aumentou assustadoramente depois do fim da guerra. Prometeu-se ao mundo melhor nível de vida, mas grandes porções do mundo continuam esfomeadas, enquanto que outras vivem na abundância».

O motivo que o levou a contribuir para o fabrico da bomba atómica foi o receio de que os alemães conseguissem produzi-la, o que, dada a mentalidade dos nazis, teria sido uma destruição inconcebível e a redução à escravatura do resto do mundo» escreve Einstein. Friza bem esta sua atitude: «se eu soubesse que os alemães não conseguiriam fabricar a bomba atómica, ter-me-ia absteído de contribuir com o que quer que fosse para a sua realização». «Construída a bomba, quando se procura experimentá-la «ao vivo», Einstein tenta convencer as autoridades de que é suficiente uma demonstração efectuada em qualquer lugar deserto em presença de representantes do Japão, para pôr fim à guerra sem

mais efusão de sangue. No entanto, as suas sugestões não são aceites, pois que «era necessário, demonstrar que os dois biliões de dólares gastos na fabricação da bomba não o tinham sido em pura perda», diz Einstein.

Os últimos anos de Einstein são anos de medo, medo da loucura dos homens que ele sabe não estarem à altura das forças poderosas que controlam: «O mundo está ameaçado por uma crise cuja amplitude escapa àqueles que possuem o poder de tomar as grandes decisões para o bem ou para o mal. A energia retirada do átomo modificou tudo salvo o nosso modo de pensar, e deslizamos assim para uma catástrofe sem precedentes. Uma nova maneira de pensar é essencial, se a humanidade quer sobreviver e caminhar para planos mais elevados».

Ninguém melhor que Einstein sabia o poder das novas armas de destruição em massa, das quais a bomba atómica é a mais conhecida, mas não a de efeitos mais terríveis. Harrison Brown, referindo-se aos efeitos dos gases radioactivos que, querendo, facilmente se podem espalhar na atmosfera, chega à conclusão de que é mais fácil destruir todos os seres vivos do que matar um certo numero de pessoas, e Einstein diz: «... se outra guerra não é evitada, levará com certeza à destruição numa escala nunca suposta, como possível, e à qual bem pouco da nossa civilização sobreviverá».

Sendo Einstein uma daquelas personalidades que mais influenciaram o nosso século, pode dizer-se que a sua contribuição em favor da causa da paz e colaboração entre os povos foi das mais valiosas.

HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

| | |
|--|-------|
| Movimento do 1.º semestre do corrente ano: | |
| Consultas | 505 |
| Tratamentos | 2.827 |
| Internamentos | 159 |
| Internamentos na Maternidade | 59 |
| Movimento de consultas de cirurgia, a cargo do distinto médico-cirurgião sr. dr. António Henrique Balté: | |
| Consultas | 114 |
| Operações | 30 |
| Histerectomias | 1 |
| Gastrectomias | 3 |
| Hérnias | 4 |
| Apendicectomias | 12 |
| Outras operações | 10 |

CRÍTICA DE FILMES

“ONDE ESTÁ A LIBERDADE”

OU A HISTÓRIA DO DEGRANTISMO

DA OBRA DE ROBERT ROSSELLINI

DEPOIS de «Roma Cidade Aberta» e de «Libertação» — filmes que situaram Rossellini na vanguarda do Neo-Realismo Italiano — apareceram também com o rótulo de Neo-Realistas (quando é que haverá publicidade séria em cinema, etc.), dois filmes do mesmo realizador: «Europa 51» e «Onde está a Liberdade». O primeiro é uma história mistificada que convence só os mistificados. E' o drama de consciência duma burguesa bem intencionada, mas um drama de conteúdo, soluções e fatalismos ultrapassados há muito. Em «Onde está a Liberdade», Rossellini, que além de realizador é também o argumentista, continua por caminhos diferentes, o decadentismo e pessimismo de «Europa 51». (Pessimismo não significa que a tragédia seja eliminada do quotidiano ou da arte. Significa uma visão trágica ou dramática e deformada dos problemas humanos, onde as soluções ou a falta delas são mal fundamentadas e portanto falsas).

«Onde está a Liberdade» é a história dum preso que responde em tribunal, acusado de ter assaltado a prisão. Porquê? Porque depois de cumprida a pena, o recluso, ao sair em liberdade, chegou à conclusão de que o melhor lugar para viver era a prisão. Ali sim, havia solidariedade, alegria, paz, etc., etc. Cá fora, não. A desonestidade, o egoísmo, a falsidade, a tristeza, etc., etc., minavam os corações humanos. Por isso, mil vezes a prisão.

A nós começou por repugnar aquela aceitação, em termos elevados, dos estabelecimentos prisionais. E isso vinha ao caso, porque quem numa história parece revoltar-se contra a maldade, etc., porque há-de, se for mesmo bom, aceitar a existência dum dos maiores cancos da sociedade?

Mas passemos adiante. Vamos dizer que sim com Rossellini, ou melhor, vamos dizer que não, mas de maneira diferente: a pensar friamente.

A tese de Rossellini é esta: não se pode viver em sociedade porque os indivíduos são maus, falsos, egoístas, desonestos, etc., etc. Aparte o facto de essa tese ser melodramática, de certos sectores do senso-comum (todos os outros são aquilo que os das suas relações determinarem; todo o resto do mundo é igual ao próprio mundo que eles vivem todos os dias), há esta visão profundamente mistificada da conduta humana: as relações dos homens não assentam em princípios legislativos, políticos, económicos, etc. As relações dos homens são os próprios indivíduos que isoladamente os criam. E Rossellini termina assim a sua tese: a sociedade não tem nenhuns deveres para com o indivíduo. Este é que há-de cumprir os preceitos formais da sociedade. Logo, um homem que transgride de uma lei é o poderoso culpado dessa transgressão. A lei está certa quando diz: serás solidário. E nem vale a pena perguntar se o homem tem condições materiais e espirituais de vida para ser isso tudo.

Não me lembro de ter visto um filme, na aparência curioso, com uma visão tão ordinária da vida.

Todas as causas e determinantes da conduta e relações dos homens foram terrivelmente ignoradas. E' espantoso como um Rossellini que viveu em «Roma Cidade Aberta» especialmente, em «Libertação», as causas profundas das tragédias e alegrias humanas, as tivesse esquecido tão depressa.

Plásticamente, é um filme vulgar, de estilo realista, sem nada de especial a notar numa ou outra cena isolada. Tóto, o actor cómico tão conhecido do público, dá um tom por vezes burlesco a certas passagens, e permanece bom actor, mas monótono, em todo o resto do filme. Em suma: um filme inferior, que pode repugnar, mesmo, às consciências mais lúcidas ou mais sinceras.

Hoje, se nos viessem dizer que Rossellini renegou as suas obras fundamentais, não ficávamos absolutamente nada admirados. Espantados estamos agora de a sua marcha como artista e homem não ser ascensional, mas retrograda, tristemente regressiva em todos os aspectos.

CONTAS GERAIS DO ESTADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lhares, e ao Estado 349. A formação bruta do capital fixo elevou-se de mais 258 milhares de contos, pelo que respeita aos particulares, e apenas de 34 milhares no que se refere ao Estado.

A expansão geral do consumo é bom sintoma, porque indica a possibilidade do respectivo pagamento.

Quanto à formação bruta do capital fixo, traz a preciosa indicação de que o Estado, não obstante participar na fundação de certas empresas de carácter industrial, dá primazia às iniciativas particulares. Quando em países como a Inglaterra e a França, sob a influência socialista, se envereda pelo caminho das nacionalizações industriais, Portugal segue uma directriz oposta, abstendo-se duma gerência directa e efectiva nas empresas industriais e comerciais, ao passo que estimula a participação dos particulares nessas empresas.

A oferta do produto bruto interna, aos preços do mercado, também aumentou em 1954, com referência ao ano anterior, de mais de 1.507 milhares de contos. Quer dizer que se produz mais. E é assim, sobretudo no que se refere ao aspecto industrial. Portugal produz hoje muitos artigos que há poucos anos ainda se importavam. Verifica-se até que entrámos no caminho das exportações. Não sucede o mesmo em referência a certos produtos de natureza agrícola, como sejam os cereais panificáveis. Contudo, no que respeita ao arroz e às batatas, podemos verificar uma suficiência nacional em relação ao consumo. O mesmo se pode dizer do pescado, sobretudo do bacalhau.

O alargamento da electrificação geral do País e a reorganização industrial trarão, de futuro, sensível redução no saldo negativo da balança comercial, que já no ano findo diminuiu de 500.000 contos.

Não podemos acompanhar passo a passo o desenvolvimento do relatório das Contas Gerais do Estado. Limitemo-nos a reafirmar, de acordo com as conclusões acima expostas, que a intervenção do Estado, contra a qual tanto se barafustou, não trouxe qualquer inconveniente, mas só benefícios, para a iniciativa particular.

Os resultados das nacionalizações lá fora levadas a cabo deram consequências negativas, hoje comprovadas. Nós, que seguimos uma via oposta aos postulados socialistas, estamos em bom caminho no sector económico.

Carlos Ratos

TOPONIMIA LOCAL

Chamamos a atenção do pelouro municipal respectivo para o facto de muitas tabuletas indicativas dos nomes das ruas da vila estarem ilegíveis, o que, nesta quadra de movimento, dificulta a orientação, além de causar mau aspecto aos visitantes.

Pedimos às autoridades competentes a repressão de certo automobilismo e motociclismo desenfreados, pelas ruas da vila, como se de pista de corridas se tratasse.

Director

João A. Dias Penna

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz